

**Curso Básico
sobre o
Carisma
Missionário
Franciscano**



**Irmãs e irmãos
num mundo
secularizado**



**Curso Básico
sobre o
Carisma
Missionário
Franciscano**



**Irmãs e irmãos
num mundo
secularizado**



Petrópolis 2001

Lição 14

© FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL
Rua Coronel Veiga, 1705 – CEP 25655-152
Caixa Postal 90.174 CEP 25621-970
PETRÓPOLIS – RJ

Copyright do original alemão

Comissão Internacional do CCFMC.

Edição revisada conforme as propostas do Congresso Internacional do CCFMC,
em Assis, Itália, 1994.

Redação original em língua alemã

Anton Rotzetter OFMCap, Maria Crucis Doka OSF,
Margarethe Mehren OSF, Patricia Hoffmann-Kayser,
Othmar Noggler OFMCap, Horst von der Bey OFM e
Andreas Müller OFM

Layout

Jakina Ulrike Wesselmann
Centro Missionário dos Franciscanos (MZF)

Tradução para o português

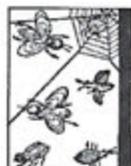
Malina Hoepfner RSCJ

Revisão literária

Frei Celso Márcio Teixeira

Diagramação, paginação e fotolitos

Domus Design Gráfico



Texto das fontes	4
“O mundo inteiro é nosso convento”	
I. Introdução	5
II. Visão de conjunto	6
III. Informação	8
1. Cristo santifica toda realidade humana	8
2. O termo “secularização”	10
2.1. Secularização e religião	11
2.2. Secularização e secularismo	12
2.3. O retorno do elemento religioso	13
3. Cristianismo e secularização	14
3.1. O Iluminismo	15
3.2. A reação da Igreja	16
4. O novo humanismo	18
4.1. Aspiração por uma realização humana total	19
4.2. Procura pelo sentido profundo da vida temporal	20
4.3. O espírito das Bem-aventuranças	20
4.4. O elemento sagrado no profano e cotidiano	21
4.5. A renovação da Liturgia	21
5. Dar testemunho	22
5.1. O testemunho franciscano hoje	22
5.2. Liberdade para a vida	22
5.3. A “graça do trabalho” e o “espírito de oração”	23
5.4. Franciscanos na Igreja local	23
Fontes eclesiais e franciscanas	25
IV. Exercícios	26
V. Aplicações	31
VI. Bibliografia	34
VII. Legendas das ilustrações	37





Texto das Fontes

“mundo inteiro é o nosso convento”

“Uma vez, Francisco e seus irmãos escalaram uma alta montanha. Fazia tempo que a Senhora Pobreza já estava lá, esperando por eles. Quando Francisco finalmente chegou com os irmãos, a sua alegria foi grande. Ela correu, abraçou-os e deu a cada um deles o beijo de paz. Descendo do monte, conduziram a Senhora Pobreza até o lugar onde moravam. Era pelo meio-dia. Obrigavam-na a comer com eles. Então, levaram-na ao lugar onde estava preparada a mesa. Não havia nada mais que três ou quatro pedacinhos de pão de cevada ou farelo.

Conversaram juntos, falando de Deus e do mundo. Quando a refeição estava terminada, prometeram mutuamente fidelidade eterna.

Após um sono breve mas muito tranqüilo, a Senhora Pobreza levantou-se depressa e pediu que lhe mostrassem o convento. Conduziram-na a um certo monte, mostrando-lhe a região toda que se podia ver, e disseram: “Senhora, este é o nosso convento!” (cf. *SCom* 58-63).





Introdução

I.

s temas do Curso Básico

Os temas escolhidos para este Curso Básico não são de igual importância para todos os continentes, nem para todos os tempos. Isto é o caso, por exemplo, ao tratar-se de Inculcação (Lição 15), Opção pelos Pobres (Lição 19), Teologia da Libertação (Lição 20) e também do assunto da presente lição, ou seja, Secularização. Esse último tema implica num complexo de problemas que alcançaram importância decisiva na Europa e na América do Norte. Naquelas regiões, não se ocupar expressamente dessa evolução significaria perder a grande chance que se apresenta para uma nova Evangelização. Para atender a essa realidade, o tema será tratado aqui a partir dos documentos do Concílio Vaticano II, e principalmente da Exortação Apostólica "Evangelii nuntiandi" do Papa Paulo VI.

Convém ainda notar que o fenômeno da secularização já começou a penetrar em outras regiões do mundo, fora do espaço do Atlântico Norte. Não vai demorar muito e chegará até os últimos confins do nosso planeta.





Visão de Conjunto

II.

refletir sobre o tema a partir de Jesus Cristo

Jesus Cristo santifica todas as realidades humanas. Tornou-se homem no sentido pleno da palavra. Isso é de importância tão fundamental que já não se pode estabelecer separação entre a esfera do “sagrado” e do “profano”. Não se podem, tampouco, identificar os dois conceitos do “sagrado” e do “profano”.

Tendo isto em mente, deve-se lembrar que o termo “secularização” não quer designar um mundo sem religião, mas um mundo no qual nenhuma instância religiosa, simplesmente por ser instância, é aceita sem justificativa, ao ser questionada ou contestada. Assim como acontece com outras instâncias também, toda instância religiosa deve valer-se de argumentos para declarar sua razão de ser e convencer pela sua credibilidade. O conceito “secularização”, além disso, deve ser purificado de certas conotações negativas. O nome dado hoje ao aspecto negativo se chama “secularismo”. A época do Iluminismo (corrente filosófica que marcou fortemente o pensamento do século XVIII) é parcialmente responsável pelo surgimento do significado atual do termo “secularização”. Também as contribuições feitas, em número sempre crescente, pelas ciências e pela técnica contribuíram para isto. Uma vez, porém, que as expectativas desmesuradas, colocadas no pensamento científico-técnico, ficaram decepcionadas devido a seus efeitos negativos colaterais, estamos assistindo agora a um retorno do elemento religioso, expresso nos anseios espirituais da humanidade.

Existem ainda outros fatores, talvez até mais decisivos, que contribuíram para a atual conjuntura. Admite-se, por exemplo que o próprio cristianismo seja o principal responsável pela secularização do mundo. Não resta dúvida que a hierarquia eclesial reagiu de maneira muito negativa ao Iluminismo e seu programa filosófico. Somente na época do Papa Pio XII e depois com João XXIII, e finalmente através dos documentos do Concílio Vaticano II, a Igreja chegou a abrir-se ao mundo moderno, reconhecendo a autonomia da “realidade temporal”.

Por sua vez, é possível discernir aspectos essencialmente cristãos, capazes de se abrirem a Deus e ao último sentido da vida no assim chamado “novo humanismo”. Esse humanismo contém muitos valores presentes também no ideal da vida franciscana.

A primeira tarefa que se apresenta é procurar pela realização plena do ser humano e do sentido mais profundo da vida. O espírito das bem-aventuranças, a valorização da dimensão do “sagrado” na vida cotidiana e a renovação da liturgia podem ajudar-nos a chegar a uma maneira moderna de sermos cristãos no mundo de hoje.

Na última parte da lição, será sublinhada a importância do testemunho que, a partir de Francisco e Clara, se espera de maneira significativa de franciscanos e franciscanas. Finalmente, o fenômeno da secularização pode ser experimentado como uma grande libertação que possibilita redescobrir e realizar, de maneira plena, atitudes genuinamente franciscanas.





Jesus é o primeiro mensageiro da Boa-Nova. Pelo Pai foi enviado ao mundo para renovar a humanidade. Tornou-se homem, igual a nós em tudo, menos o pecado (cf. Hb 4,15). Assim se uniu, de algum modo, a todo ser humano (cf. GS 22).

Partilhou nossas experiências humanas: alegrias e preocupações, sucessos, recomeços e tentações, a convivência e a perda de amigos, traição e sofrimento, abandono de Deus, morte e sepultura. Desta maneira, podemos encontrar-nos com Ele através de toda experiência genuinamente humana. Assim, Cristo santifica as realidades que perfazem a nossa vida, porque Ele os viveu:

“Trabalhou com mãos humanas, pensou com inteligência humana, agiu com vontade humana, amou com coração humano” (GS 22).

Todas estas dimensões: nascimento, crescimento, abnegação, amizade e amor, serviço a doentes e moribundos, nós as celebramos nos nossos sacramentos. A finalidade é tornar “viva” a vida humana no sentido pleno. Em última análise, a Igreja e seus sacramentos têm o sentido de capacitar os cristãos a promoverem a renovação da humanidade inteira (cf. Mt 5,1-16; 25,31-46).

• “O Verbo se fez carne”

Em Jesus, o Verbo divino e eterno, tornou-se homem, isto é, ficou secular e temporal. Nele se tornaram presentes Deus e a salvação, e isso na totalidade da vida, não apenas



num setor fechado e independente. Jesus rejeita a idéia de que a religião e a vida sejam dois setores completamente separados. Para Ele, cada lugar é santo, e cada espaço em si é um lugar favorável à oração (cf. Jo 4,21) e não apenas o templo de Jerusalém. Para Ele, cada tempo é sagrado e uma oportunidade para servir a Deus, não apenas o sábado. Para Ele, já não há distinção entre alimentos “puros” e “impuros”, já não há ritos de purificação. Tudo e todos pertencem a Deus; e em tudo e em todos pode-se experimentar a graça salvífica do Senhor.

- **O “sagrado” e o “profano” não podem ser separados**

A dimensão religiosa do ser humano está intimamente ligada à sua vida no mundo, à sua maneira de ser-no-mundo. O amor salvífico de Cristo está perto de cada um, e isso na sua respectiva situação histórica bem concreta (cf. Redemptor hominis 18).

Portanto, não anunciamos outra coisa a não ser aquilo que desde sempre é realizado por Deus no mundo. Aparentemente, estamos levando o Cristo aos homens, como se não estivesse já com eles desde sempre (cf. GS 22; 38). Na realidade, pela nossa mediação não podemos fazer outra coisa a não ser conscientizá-los da presença e da atuação de Cristo nas suas vidas, através de suas experiências e sua vivência concreta. O santo (= Cristo) e o profano (= a vida cotidiana) estão inseparavelmente entrelaçados.

- **O sagrado e o profano não são a mesma coisa**

Por outro lado, não podemos reduzir o “sagrado” ao “profano”. Em Jesus Cristo, Deus está presente no coração do mundo, mas não pode ser abrangido ou absorvido pelo mundo. Ele está presente nos esforços da humanidade para transformar a vida, sem, contudo, estar limitado à esfera humana.





Resumindo, pode-se dizer que o conceito da secularização tem vários sentidos, podendo ser entendido como:

- um processo pelo qual certos setores da vida humana, ou a vida humana na sua totalidade, deixam de ser determinados pela religião;
- o fim do controle exercido por instâncias religiosas sobre o pensar e o viver das pessoas;
- a tendência de viver sem referência explícita a uma esfera religiosa, que esteja nitidamente separada da vida em geral.

Um mundo secularizado é um mundo em que, praticamente, todos os aspectos da vida pública e social, como por exemplo a política, a economia, o direito e as leis, a educação e a moral, já não se submetem automaticamente a autoridades religiosas; e onde sanções religiosas, impostas por homens, já não são reconhecidas. Frente à Igreja, o “mundo” (= saeculum) que se emancipou insiste na sua independência. Isto vale sobretudo para o âmbito político (= separação do Estado e da Igreja) e para o mundo das ciências e da cultura.

Na sua Exortação Apostólica “Evangelii nuntiandi”, o Papa Paulo VI caracteriza a secularização como “o esforço – em si justo e legítimo, e não absolutamente incompatível com a fé ou a religião – para descobrir na criação, em cada coisa ou em cada acontecimento do universo, as leis que as regem com uma certa autonomia, com a convicção interior de que o Criador aí pôs tais leis” (EN 55).

Neste sentido, o Concílio Vaticano II reconheceu a autonomia legítima da cultura e sobretudo da ciência (cf. GS 59). Com certeza, é preciso acautelar-se contra a idéia errônea de que este processo constitui uma caminhada reta, sem desvios. De fato, trata-se de uma evolução que apresenta saltos e rupturas. Provavelmente, ainda nos deixamos impressionar ainda indevidamente pelo poderio que as Igrejas reivindicavam para si e realmente conseguiram impor, pelo menos no contexto católico, durante cinco séculos.

Certos historiadores qualificam a perda da influência eclesial nos tempos modernos como “um retorno à normalidade” (Urs Altermatt), acreditando que – antes da época da

Secularização e Religião

2.1.

Num mundo secularizado, o exercício da religião deixa de ser um dever coletivo, dependendo agora da decisão tomada – ou recusada – pessoalmente, de maneira espontânea e consciente, por parte de cada membro da sociedade. Vale, porém, sublinhar mais uma vez: um mundo secularizado não é, necessariamente, um mundo sem religião. Motivos religiosos e convicções morais continuam existindo e impondo-se, até de maneira explícita. Mas já não são impostos de modo autoritário, devendo, ao contrário, provar a sua capacidade de convencer, de igual forma que outras correntes e idéias sociais.

“O homem não pode voltar-se para o bem, a não ser livremente. Os nossos contemporâneos exaltam e defendem com ardor esta liberdade. E, de fato, com razão. Contudo, eles a fomentam muitas vezes de maneira viciada, como uma licença de fazer tudo o que agrada, mesmo o mal. A verdadeira liberdade, porém, é um sinal eminente da imagem de Deus no homem. Pois Deus quis ‘deixar ao homem o poder de decidir’ (cf. Eclo 15,14), para que assim procure espontaneamente o seu Criador, a Ele adira livre-

mente e chegue à perfeição plena e feliz. Portanto, a dignidade do homem exige que possa agir de acordo com uma opção consciente e livre, isto é, movido e levado por convicção pessoal e não por força de um impulso interno cego ou debaixo de mera coação externa” (GS 17).

Uma qualidade positiva do mundo secularizado é, portanto, a tolerância religiosa que, por sua vez, reforça a tendência à secularização. Pois, a tolerância, assim como a diminuição da pressão familiar e social que, historicamente, exerciam grande influência sobre a prática religiosa fizeram com que muitas pessoas já não reconhecessem a legitimidade de convicções religiosas e abandonassem, ou parcialmente ou por completo, a sua fé. Em outras pessoas, ao contrário, a mesma liberdade pôde contribuir para um melhor amadurecimento de sua fé.



Deve-se distinguir de “secularização” o conceito “secularismo”. Como já foi dito, por secularização entende-se não tanto um mundo sem religião, mas um mundo em que instâncias religiosas e representações de autoridades religiosas já não determinam de maneira decisiva ou exclusiva a vida social.

Por “secularismo”, ao contrário, designam-se os aspectos negativos da secularização, ou seja, o silêncio proposital sobre Deus, o não deixar mencionar Deus em público, a organização da vida pública sem nenhuma referência a Deus como sua origem, e finalmente a negação virulenta e explícita de Deus, assim como o combate aberto contra a fé em Deus. Por esta ideologia, Deus é considerado “não existente”, supérfluo ou mesmo um impedimento ao desenvolvimento humano.

Muitas vezes, o secularismo leva ao ateísmo prático, isto é, sem negar Deus explicitamente, as pessoas se comportam, de fato, como se Deus não existisse, colocando em seu lugar outros deuses, como por exemplo o poder, a riqueza, o prazer, etc. Valores fundamentais da vida familiar e social, como solidariedade, fidelidade e partilha, desaparecem (cf. Puebla 57). Isto, por sua vez, conduz, sobretudo entre os jovens, a frustrações, falta de compromissos sérios e dependência de drogas, álcool, paixão do jogo e outros vícios (cf. Puebla 58).

Não se espera de um estudioso de ciências físicas e naturais que faça referência explícita a Deus para explicar os fenômenos do mundo. Ao contrário, para ser levado a sério, deve pronunciar-se sem introduzir na sua fala a categoria “Deus”. Isto não impede que ele seja, na sua vida particular, um cristão praticante. Mas para outros cientistas, por sua vez, Deus é, de fato, absolutamente sem importância.

O humanismo ateu declara sem ambigüidade que não deve existir espaço nenhum para Deus, para que os homens possam realmente assumir o que lhes cabe por direito. Neste sentido, proclamam: para que o homem possa reinar, é preciso que Deus seja eliminado. Ludwig Feuerbach († 1872), o pai do humanismo ateu, escreveu: “O propósito de minha obra é fazer dos homens antropólogos (= estudiosos da ciência do homem) e não teólogos (= estudiosos da ciência de Deus), conduzindo-os do amor a Deus ao amor da humanidade, da esperança em um mundo além, a um engajamento em prol das coisas daqui em baixo.” Ele animou seus seguidores a amarem fielmente este mundo, “que foi abandonado pelos cristãos”.

Na segunda metade do século XIX, aconteceu na Europa a Revolução Industrial com o surgimento do mundo das fábricas, onde trabalhadores indigentes, e mesmo crianças, foram explorados sem piedade e tinham que trabalhar duramente para sobreviver, sem qualquer segurança social. Diante desta realidade desumana, os cristãos não estavam suficientemente conscientes de sua responsabilidade social. Na Inglaterra, por exem-

plo, o comentário feito por um bispo ficou célebre: “Nada contribui melhor para o bom funcionamento de uma fábrica que a fé em Deus!”

Este tipo de religiosidade que, na visão hodierna, é alheia à autêntica tradição bíblica e cristã, contribuiu com certeza para o surgimento do humanismo secular e do Marxismo. O Concílio Vaticano II apontou ao fato de que, “neste gênero de ateísmo, grande parte podem ter os crentes, enquanto negligenciando a educação da fé, ou por uma exposição falaz da doutrina, ou por faltas na sua vida religiosa, moral e social, se poderia dizer deles que mais escondem do que manifestam a face genuína de Deus e da religião” (GS 19).

O retorno do elemento religioso

2.3.

Desde algum tempo, porém, é possível verificar um movimento em sentido contrário, denominado “pós-modernidade”. Sob este termo se entende uma época histórica que substitui a “época moderna” e seu programa. A pós-modernidade distancia-se agora do Iluminismo, que



reconhecia somente a razão humana como única instância universalmente válida e, derivada dela, a ciência que faz abstração de Deus e não admite limites, assim como também a técnica, que acredita ter o direito de tentar tudo.

Durante muito tempo, prevaleceu a opinião de que o homem seja capaz, por meio da sua razão, de desmistificar a criação inteira e penetrar em todos os mistérios. Concomitantemente, reinava a convicção de que todos os problemas são solúveis, se não hoje, seguramente num futuro próximo ou a longo prazo.

Esta tendência de fazer da razão humana um absoluto colocou a humanidade diante de abismos, criando mais problemas do que solucionando-os. Aos poucos, o sentimento de impotência substituiu o “complexo de onipotência” (H.E. Richter). O medo chegou a ser um sentimento fundamental generalizado.



Por isso, se fala, há alguns anos, do pós-modernismo, ou seja, de um tempo em que a razão foi destronada e, junto com ela, a ciência e a técnica como únicas autoridades normativas. Agora, um novo programa está afixado às bandeiras: em nome da humanidade, a razão crítica chega a ser questionada por sua vez. A intuição afetiva, o coração com seus sentimentos e a alma humana com seus valores são redescobertos como os verdadeiros órgãos do conhecimento. A espiritualidade e o aprofundamento interior voltam a ser reconhecidos como aspirações humanas plenamente legítimas e de importância decisiva.

Deste modo, aconteceu também um novo surgimento do elemento religioso. Sem seguir o modelo tradicional de religiosidade, ele se apresenta agora sob múltiplas formas, como alternativa ao cristianismo e à Igreja. Além das grandes religiões tradicionais, procuram-se as raízes da “verdadeira religião” em culturas primitivas e arcaicas, escolhendo-se aquilo que mais agrada ou atrai. Sob este prisma, todas as coisas voltam a aparecer numa luz religiosa; e a própria criação mostra, de novo, a sua luminosidade sagrada.

O retorno do elemento religioso oferece também uma nova chance às religiões bíblicas e à tradição espiritual do cristianismo. O importante é viver e praticar de modo convincente aquilo em que se crê. Este ponto é tanto mais importante, que o homem moderno tende a seguir práticas religiosas (= seitas, fundamentalismo) que nem sempre respeitam a dignidade, a liberdade e a autonomia humanas, pelas quais tanto se lutou desde o tempo do Iluminismo.

Na tradição de São Francisco e Santa Clara, acreditamos em uma religião da Encarnação, procuramos a sublimação da pessoa e uma sociedade marcada pelo respeito e pela dignidade.

Em todo caso, parece irreversível o fim de um cristianismo que seja normativo para a humanidade inteira. No seu lugar surgem agora outras religiões e modos esotéricos de proceder, propagados pelo “supermercado de ofertas religiosas”. Neste sentido, se fala também, de modo mais ou menos adequado, de uma época pós-cristã.

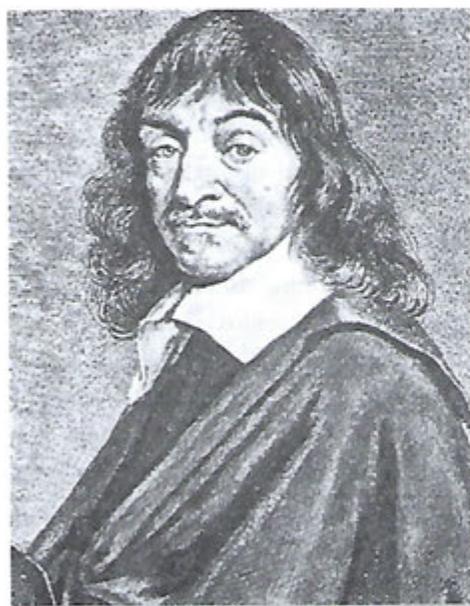


Em termos gerais, pode-se afirmar que o Concílio Vaticano II mantém uma atitude aberta frente ao mundo. Mas, em nome da verdade, convém notar que este pressuposto, de modo algum, foi sempre válido através da história da Igreja.

O Iluminismo, ou seja, o movimento filosófico que não reconheceu outra autoridade a não ser a razão humana, questionou profundamente a primazia da religião e sua importância fundamental. Tratava-se de um movimento iniciado por Francis Bacon († 1626), o pai da filosofia experimental, e René Descartes († 1650), cujo sistema filosófico se baseia na dúvida metódica. Outros filósofos, sobretudo na França, foram ainda além nas suas afirmações. François Voltaire († 1778), por exemplo, embora acreditasse num Deus invisível, não aceitava a noção de uma providência divina. Sua atitude se dirigiu determinantemente contra a forma de fé representada, naquela época, pela Igreja Católica. 39 de suas obras figuravam no Index Romano de livros proibidos. Jean-Jacques Rousseau († 1778), por sua vez, escreveu no seu livro Emile: "Todas as religiões são boas, menos a religião católica!"

A corrente do Iluminismo espalhou-se por todo o mundo ocidental, chegando da Inglaterra e da França até a América do Norte, e da Espanha e de Portugal até a América Latina. Insistia na independência intelectual e exigia a libertação da razão de qualquer tutela ou forma de controle, considerando a independência humana e a liberdade valores absolutos que nunca deviam ser sujeitos a qualquer tipo de restrição.

Quanto ao Estado, o Iluminismo rejeitou radicalmente uma teoria, elaborada nos séculos XVI e XVII, afirmando que todos os monarcas são predestinados, escolhidos e confirmados na sua dignidade pela graça de Deus. Por sua vez, o Iluminismo exigia, ao



René Descartes

contrário, a soberania do povo, ou seja, a democracia. Esta convicção influenciou profundamente tanto a Revolução francesa e a Revolução norte-americana, como também todas as guerras e movimentos de independência na América Latina. Tratava-se de proteger os direitos do indivíduo. E isto, por sua vez, conduziu à separação entre os poderes legislativo, judiciário e executivo.

O Iluminismo exigia, sobretudo, a liberdade da palavra e da imprensa, o direito de formar assembléias e associações, a liberdade de consciência e a liberdade religiosa.

Não há dúvida que o Iluminismo possuía aspectos positivos que merecem aprovação. Convém mencionar, por exemplo, o seu espírito humanitário e tolerante, um conheci-



mento jurídico mais aprimorado, a procura de um bem-estar social generalizado, a promoção da pesquisa científica, do estudo intelectual e da cultura, a luta contra a ignorância e a superstição, e a defesa dos direitos humanos.

Há outros aspectos, porém, que é preciso considerar menos aceitáveis, como por exemplo, a estima exagerada do intelecto, o individualismo e, finalmente, a atitude negativa frente a qualquer autoridade e sobretudo à religião.

A reação da Igreja

3.2.

Representantes da Igreja, e entre eles Hugues de Lamennais († 1854), estavam convencidos do valor positivo de várias afirmações do Iluminismo. Em consequência, exigiam uma maior abertura da Igreja frente ao mundo. A reação da Igreja institucional, porém, era majoritariamente negativa. Sobretudo por parte dos papas que, naquela época, ainda eram os chefes do tradicional Estado da Igreja. A reação dos papas, portanto, estava marcada pela desconfiança, a condenação e a rejeição do Iluminismo. Basta citar o fato de que o Papa Gregório XVI, pelas duas encíclicas Mirari vos (1832) e Singulari nos (1834), rejeitou as opiniões de Lamennais e qualificou a exigência das liberdades modernas de “loucura”.

Quando os povos da América Latina, dominados pela Espanha, clamaram por sua independência, o Papa Pio VII publicou a Encíclica Etsi longissimo (1816), ordenando aos bispos latino-americanos que exigissem dos seus fiéis desvincular-se dos movimentos independentistas e voltar a obedecer fielmente a Sua Majestade Católica, o Rei da Espanha.

Em 1864, o papa Pio IX, por sua vez, publicou o Syllabus contra erros intelectuais, onde condena como herética a opinião de que a Religião Católica não seja a única religião válida do Estado. Igualmente, tachou de herética a idéia de que o chefe da Igreja Católica “devia e podia aceitar e reconciliar-se com o progresso, o liberalismo e a civilização moderna como fatos consumados”.

Nestas circunstâncias, o papado e a Igreja católica se encontraram numa situação de extrema aflição. Enquanto o “Modernismo” abalava os fundamentos da fé, simultaneamente a Igreja estava perdendo o seu papel político tradicional.

A criação do estado nacional da “Itália”, que aconteceu de modo muito violento e revolucionário, acabou com o “Patrimonium Petri”, ou seja, o histórico Estado da Igreja, existente desde o século VIII. Desta maneira, privado dos seus direitos como soberano, o papado continuava convencido do seu dever de não renunciar à sua autoridade política. Ainda antes que a cidade de Roma caísse nas mãos dos revolucionários e para impedir a perda do poder político, o Papa Pio IX proibiu aos católicos italianos, pelo seu Decreto Non expedit (1868), qualquer tipo de colaboração – ativa ou passiva –

com a unificação nacionalista da Itália. O fim do Estado da Igreja fez do papa o “prisioneiro do Vaticano”, símbolo da rejeição da Igreja fora da vida pública. Parecia que o papa se retirava a um “gueto”, que ele se impôs a si mesmo.

Esta situação durou até 1919, quando a Igreja finalmente se sentiu obrigada a anular o decreto de 1868. Uma solução definitiva, porém, foi encontrada somente em 1929, quando o papa assinou o “Tratado do Latrão”, dando fim à “questão romana”.

O conjunto de acontecimentos e a aflição que oprimia a Igreja causaram a sua atitude negativa frente ao Modernismo em todas as suas formas. Apoiando-se em funcionários fiéis, prontos para assinarem o “juramento antimodernista”, Roma acreditava poder enfrentar os erros ideológicos, assim como o espírito da época. A consequência foi uma Igreja “clerical”, muito centralizada, onde leigos não tinham nem vez nem voz.

Na sua importante encíclica sobre as missões, chamada *Sancta Dei civitas* (1880), o Papa Leão XIII definiu o papel do leigo da seguinte maneira: “A fé se fundamenta na mensagem; a mensagem por sua vez se fundamenta na palavra de Cristo (Rm 10,14). Proclamar a mensagem compete aos que foram legitimamente consagrados. Estes recebem não pouca ajuda e assistência daqueles que lhes dão apoio por meio de recursos materiais ou pelas suas orações, quando imploram a graça de Deus para os seus trabalhos. Este duplo encargo (dos leigos), que consiste em dar donativos e em rezar, é de grande utilidade para a difusão do Reino de Deus, além da vantagem de poder ser realizado com facilidade por pessoas que pertencem a qualquer camada social.”

Mais claramente ainda, o Papa Pio X se pronuncia na sua Encíclica *Vehementer* nos (1906): “Por essência, a Igreja é uma sociedade desigual... Há duas categorias, os pastores e o rebanho... Estas categorias são tão distintas que o direito e a autoridade, necessárias para a direção de todos os membros, são reservados exclusivamente aos pastores. Ao que toca o conjunto dos fiéis, o seu único dever consiste em deixar-se guiar e de seguir aos seus pastores como um rebanho obediente.”

Como esta atitude é distante do modo de pensar do Papa João XXIII, quando falou explicitamente de uma espiritualidade temporal, característica dos que vivem “no mundo”: “Ninguém imagine maldosamente que se opõem estas duas coisas que, ao contrário, podem perfeitamente se ajustar, a saber, a perfeição da alma e os negócios da vida presente, como se fosse obrigatório afastar-se das obras da vida mortal para tender à própria perfeição cristã, ou não ser absolutamente possível exercer tais negócios sem que a dignidade própria ao homem e ao cristão corra perigo.

Ao invés, concorda plenamente com os desígnios da Providência de Deus que os homens se aperfeiçoam mediante o trabalho cotidiano que, na quase totalidade, concerne às coisas pertencentes a esta vida mortal” (*Mater et Magistra*, 232-233).

Apesar do perigo de cometer uma simplificação, podemos dividir o relacionamento existente entre a Igreja e o mundo temporal no decorrer da história em quatro períodos:



- O mundo contra a Igreja: Nos primeiros três séculos, a Igreja é dos mártires e das catacumbas.
- O mundo e a Igreja unidos: do IV ao XVII século:
- O afastamento entre Igreja e mundo: Nos séculos XVIII a XX surgem o Iluminismo e o Modernidade.
- Mundo e Igreja em diálogo: pelo Concílio Vaticano II, a época pós-moderna e pós-cristã.



“novo humanismo”

4.

Através de um longo processo, a Igreja encontrou o caminho para uma nova visão do mundo. Voltou a redescobrir suas próprias fontes e a relação existente entre suas origens e as descobertas dos tempos modernos. Portanto, é possível falar agora de um “novo humanismo” que surgiu a partir do mundo secularizado. Neste mundo, porém, não é Deus, quem está no centro do interesse, mas sim o homem; o homem que carrega a responsabilidade de seus irmãos e da história (cf. GS 55).

Com este novo humanismo, o cristianismo tem muito em comum, enriquecendo-o ainda com a realidade de Deus. Deus e o ser humano não se encontram em situação de concorrência. Acreditar em Deus



também não diminui ou nega a responsabilidade da pessoa humana pelo mundo secularizado (cf. GS 34).

Esta dimensão, simultaneamente humana e divina, é definida de modo muito lúcido pelo humanista cristão, Pe. Pierre Teilhard de Chardin, SJ: “Nós seríamos desertores? Nós, céticos quanto ao futuro do mundo visível? Nós, cansados do trabalho humano? Ai, quão pouco vós (novos humanistas) nos conheceis! – Vós suspeitais que não tomaríamos parte em vossas angústias, vossas esperanças e vosso entusiasmo, de penetrar os mistérios e de conquistar as forças da natureza. ‘Tais sentimentos’, dizeis vós, ‘só podem ser partilhados por homens que, em comum, lutam pela existência, mas vós, os cristãos, afirmais que já fostes salvos’.

Como se para nós não fosse também, ou mais ainda, uma questão de vida ou morte, que a terra, incluindo suas forças mais naturais, conseguisse a sua finalidade! Justamente vós, neste ponto, ainda não sois bastante humanos. Vós vos interessais somente pelo sucesso ou pelo fracasso de uma realidade que fica apagada e obscura, mesmo trazendo os traços de certa ultra-humanização.

A nós, nos interessa verdadeiramente aperfeiçoar o triunfo de um Deus!

Uma coisa, no entanto, eu confesso, é imensamente decepcionante: que muitos cristãos, bem pouco conscientes da responsabilidade divina de sua vida, estão vegetando como os outros homens, apenas empenhados pela metade, sem sentir o estímulo ou a sublime embriaguez de promover o Reino de Deus a partir de todas as dimensões humanas. Mas censurai sempre, aqui, a nossa fraqueza; pois em nome de nossa fé temos o direito e a obrigação de empenhar-nos, apaixonadamente, pelas coisas da terra. – Vós sois homens? ‘Plus et ego!’ (2Cor 11,23)” (P. Teilhard de Chardin: *O Meio Divino*).

Aspiração pela realização humana total

4.1.

Para assumir a responsabilidade pelos irmãos e irmãs, assim como pela história, temos que procurar o aperfeiçoamento humano, tanto na vida pessoal como na vida comunitária.

Há certas qualidades humanas, apresentadas como tipicamente “femininas”, como por exemplo a solicitude, a amabilidade, a sensibilidade, a confiança, a intuição, a interioridade. No fundo, todo ser humano deveria aperfeiçoar estes valores em si, porque são especialmente importantes para o nosso tempo atual.

Parece que a humanidade chegou a um ponto crítico na sua história. Segundo o parecer de muitos, é o resultado negativo da valorização exagerada e unilateral de qualidades consideradas “masculinas”, como por exemplo a eficiência até a dureza, a iniciativa ousada, a racionalidade fria, etc., cujas conseqüências podem conduzir perigosamente



à exploração imoderada dos outros e da natureza, assim como ao surgimento de uma sociedade impessoal, meramente funcional.

Toda pessoa humana devia esforçar-se para chegar a unificar e fomentar as qualidades atribuídas aos dois sexos. Somente assim, o homem e a mulher serão capazes de assumir juntos a responsabilidade pela história nesta fase tão crítica.

A busca do sentido profundo da vida temporal

4.2.

Se quisermos descobrir o Evangelho num mundo secularizado, temos que verificar primeiro o significado profundo de nossas próprias experiências. Trata-se de chegar de uma posição bastante superficial à profundidade, à fonte de todas as relações, ou seja, à esfera sagrada, presente no centro de cada vida. Quando nos capacitarmos a alcançar este centro, ajudando-nos mutuamente para atingi-lo, então assumiremos de verdade a nossa responsabilidade cristã e franciscana diante da história.

“O homem, na verdade, não se engana quando se reconhece superior aos elementos materiais, e não se considera somente uma partícula da natureza ou um elemento anônimo da cidade humana. Com efeito, por sua vida interior, o homem excede a universalidade das coisas. Ele penetra nesta intimidade profunda, quando se volta ao seu coração, onde o espera Deus, que perscruta os corações, e onde ele pessoalmente sob os olhares de Deus decide a sua própria sorte” (CS 14).

Na moderna sociedade de consumo, o desejo constante de satisfazer necessidades artificialmente provocadas impede a busca séria da única necessidade verdadeiramente autêntica, ou seja, o sentido da vida. Novamente, a pessoa humana deve aprender como reencontrar o sentido de sua vida e de suas experiências; porém, não fora e em paralelo à sua vida concreta. Entre outras coisas, isto pode fazer nascer o desejo de se engajar melhor por uma maior fraternidade, e de realizar isto numa determinada comunidade; ou de optar por um estilo de vida mais simples, que trata com respeito as coisas materiais, sem ceder ao desejo exagerado de querer possuí-las.

O espírito das bem-aventuranças

4.3.

A abertura ao último sentido das coisas e à dimensão sagrada da vida humana, assim como o questionamento e a procura apaixonada por Deus, desde sempre presente no mais íntimo dos seres, torna a pessoa susceptível e predisposta ao espírito das bem-aventuranças, ou seja, ao espírito de pobreza, da mansidão, da fome e sede pela justiça, da pureza do coração, da misericórdia e da paz.



Todos nós somos responsáveis pelos nossos irmãos e nossas irmãs; mas nem todos somos chamados a realizações extraordinárias e espetaculares. Devemos reaprender como encontrar o elemento sagrado na vida cotidiana, como conseguir uma atenção maior para captar a presença de Deus em todas as dimensões de nossa vida, principalmente nas coisas simples e comuns, como, por exemplo, a convivência



com os outros, o comer e beber, curando feridas, o serviço mútuo, a solidariedade com os não-amados, com os que sofrem e com os agonizantes.

Talvez aconteça então que experimentemos algo semelhante ao que ainda hoje se conta de certas tribos africanas. Quando, depois de uma discussão veemente, volta a reinar um silêncio inesperado, ou quando subitamente se levanta um vento, carregando folhas, areia e galhos, então as pessoas dizem com reverência: "Deus está passando no meio da gente!"

A renovação da liturgia

A presença pacificadora e salvadora de Deus no meio da vida cotidiana deve tornar-se uma experiência fundamental para toda pessoa humana (cf. GS 19, 21s, 38). O culto cristão deve ter suas raízes nesta experiência e permanecer em constante contato com ela. A experiência do sagrado na vida de cada dia vai ajudar para redescobrir o sentido da participação na liturgia da Igreja e o significado da recepção dos sacramentos.

Na eucaristia descobrir-se-á então, cheio de alegria, a realização das mais profundas aspirações: o amor que se doa, o grande TU que se entrega, a mesa onde todos se reúnem, o abraço que unifica todos os irmãos e irmãs, a paz que o mundo não pode dar, mas que se experimenta sempre de novo.

Vamos querer mergulhar novamente na água que vivifica e que renova todas as coisas em Jesus Cristo. Para poder voltar a experimentar o valor do culto, a pessoa moderna, secularizada, deve redescobrir um caminho para identificar e vivenciar a dimensão do sagrado. Isto tem que acontecer, em primeiro lugar, na vida diária através das relações



interpessoais, e não por meio de conceitos religiosos, exercícios e ritos tradicionais. De modo geral, estes últimos já se tornaram insignificantes para o homem moderno. São aptos, porém, a voltar a ser uma nova fonte de energia sob novas condições existenciais.



ar testemunho

5.

Neste contexto, o nosso testemunho franciscano há de provar o seu valor pela nossa "presença, participação e solidariedade com os homens" (EN 21). Este tipo de testemunho não deixará de ter o seu efeito evangelizador, independente de qualquer linguagem religiosa ou ritual (cf. Lição 13).

O testemunho franciscano hoje

5.1.

O apostolado da presença simples e despreocupada é hoje o mais importante (cf. EN 69). No nosso mundo, predominantemente secularizado, muita gente sabe pouco ou nada sobre o Evangelho, o Reino de Deus, a fé. Mas todos entendem e apreciam qualidades como o amor, a fraternidade, a prontidão para assumir o serviço aos pobres, a reconciliação, justiça e paz. Esses valores, além de representarem o ideal franciscano, constituem a essência do Reino de Deus. Pois, onde há amor, lá está o Senhor, vive a fé, existe o Reino de Deus. Esses valores são a expressão concreta das aspirações e ânsias mais profundas do homem moderno.

O atual mundo secularizado distingue-se essencialmente do mundo de São Francisco. Mas Francisco viveu atitudes fundamentais que também no mundo de hoje são de importância extraordinária, e que devem ser vividas por todos os membros do movimento franciscano, como: liberdade e alegria, confiança mútua, fraternidade para com todos os seres humanos e criaturas, consciência da paternidade de Deus que abrange o mundo inteiro, capacidade de reconhecer a face de Cristo nos pobres, sentido de responsabilidade pela missão universal, etc. O mundo secularizado dá-nos a oportunidade de vivermos, em sentido pleno, atitudes genuinamente franciscanas.

Liberdade para a vida

5.2.

Ter mais liberdade significa ter mais responsabilidade. A vida num contexto seculariza-

do é um grande desafio para nós, homens e mulheres franciscanos. Isto confere um novo sentido ao “ir pelo mundo” (RegNB 14s). Como possuímos dons e carismas diferentes, e como a mobilidade também faz parte de nossa vocação, o mundo inteiro está aberto a nós. Já não necessitamos mais, “consertar cercas sagradas”, como era preciso em épocas pré-secularizadas; já não necessitamos preocupar-nos com bagatelas sacrais, esquecendo com isso, aquilo que é realmente importante, a saber, justiça, misericórdia, sinceridade (cf. Mt 23,23) e ainda outros valores de importância fundamental para o mundo secularizado.

Quando assim “andamos pelo mundo” (RegNB) encontramos hoje, principalmente nas grandes cidades, pessoas de outras culturas. Elas podem enriquecer-nos com sua religiosidade e seus valores culturais. Se formos, como exige a Regra, “modestos e humildes”, saberemos “falar atenciosamente” com estas pessoas e confirmá-las nos seus valores. Também procuraremos integrar os mesmos valores na nossa própria cultura (cf. Mattli 1978, 41).

Por outro lado, se for preciso, ajudaremos os homens a livrar-se de práticas supersticiosas e formas religiosas provenientes de uma cosmovisão errada. Com todos os meios disponíveis, nós os animaremos a procurar os verdadeiros valores humanos e a promovê-los, a saber, sinceridade, coragem, amor e fidelidade. Assim podemos contribuir para que reconheçam, através destes valores, a presença salvadora de Deus (Mattli 1978, 30).

A “graça de trabalhar” e o “espírito de oração”

5.3.

Como indivíduos e como comunidades, acolhemos agradecidos a “graça do trabalho” e cultivamos, ao mesmo tempo, o “espírito de oração e piedade”, do qual deriva tudo o mais (cf. RegB 5). Quem se integrar no movimento franciscano não tem necessidade de mudar de campo de trabalho, “enquanto não prejudicar o bem de sua alma”. Ao contrário, em plena liberdade, poderá continuar “a exercer a profissão que aprendera” (RegNB 7,3). Isto corresponde, no sentido moderno, a uma profissão “temporal”.

O Capítulo Geral da OFM em Madri (1973) decidiu, em conformidade com o espírito das origens, que os irmãos “podem assumir profissões e trabalhar, recebendo salário e exercendo atividades artesanais, mesmo em empresas que não pertencem à Igreja ou à Ordem. Cremos que os irmãos podem exercer qualquer tipo de trabalho ou atividade profissional que corresponda à forma de vida cristã ou franciscana” (27s).

Franciscanos na Igreja local

5.4.

A nossa vocação franciscana se realiza na Igreja local onde vivemos. Nela é que temos que dar testemunho dos valores cristãos e franciscanos exigidos na situação concreta



(EN 62). Se formos atentos às aspirações, desejos e necessidades do povo ao qual queremos servir, então encontraremos pontos de contato, mesmo num ambiente secularizado, onde se escondem os valores genuinamente evangélicos (cf. EN 55). Desta maneira, poderemos dar resposta à procura ansiosa pelo sentido da vida e “ao poderoso e trágico apelo para ser evangelizado” (EN 55) que os nossos contemporâneos nos dirigem.

Caso levamos a sério o “novo humanismo”, então assumiremos e promoveremos a nossa responsabilidade pelos irmãos e irmãs em todos os âmbitos da vida. Acompanha-los-emos no caminho a um “humanismo integral” que tende a uma universal comunidade fraterna diante de Deus e em comunhão com cada um. Isto será um sinal e instrumento para a Igreja (LG 1; AG 1).



Fontes eclesiais e franciscanas

Bíblia	Mt 5,1-16; 23,23; 25,31-46; Jo 4,21; Hb 4,15
<i>Documentos da Igreja</i>	Etsi longissimo; Mirari vos; Non expedit; Sancta Dei civitas; Singulari nos; Syllabus; Vehementer nos; AG 1; EN 21, 55, 62, 69; GS 14, 17, 19, 21, 22, 34, 38, 55, 59; LG 1; MM; Puebla 57, 58; RM 37c, 42s
Fontes franciscanas	RegNB 3,11; 7,3; RegB 5; Scdm 63
Documentos interfranciscanos	
OFM – OFM ^{Cap} – OFM ^{Conv}	OFM: Capítulo Geral Madrid 1973, 27s OFM ^{Cap} : Mattli 1978, 41
OSC (Clarissas)	
OSF (TOR)	
OFS	
Suplementos*	

* Observação: As fontes podem ser completadas pelo(s) participante(s) ou leitor(es) do curso.





Exercícios

IV.

1.

Leia e reflita sobre o seguinte trecho da Encíclica “*Mirari vos*”, do Papa Gregório XVI, de 1832:

“Passamos agora a uma outra causa nefasta de males que atualmente afligem a Igreja e que nos preocupam dolorosamente, a saber, o Indiferentismo, ou seja, a opinião errônea de que seja possível... alcançar a salvação eterna da alma por meio de qualquer credo, contanto que o modo de vida se oriente segundo as normas retas e conforme aquilo que seja moralmente bom...”

Desta fonte sumamente abominável do Indiferentismo surge aquela opinião, ou antes aquela ilusão absurda e errônea de que cada um devia ter o direito de seguir em liberdade à sua consciência.”

Perguntas:

1. Que impressão este texto causa a você?
2. Como entende a relação da consciência
 - com o papa e a Igreja?
 - com o Estado e a Lei?
 - com a comunidade e o indivíduo?



2.

Leia o texto seguinte da Encíclica “*Redemptoris missio*” do Papa João Paulo II, de 1990:

Nº 42: O testemunho evangélico, a que o mundo é mais sensível, é o da atenção às pessoas e o da caridade em favor dos pobres, dos mais pequenos, e dos que sofrem. A gratuidade deste relacionamento e destas ações, em profundo contraste com o egoísmo

presente no homem, faz nascer questões precisas, que orientam para Deus e para o Evangelho. Também o compromisso com a paz, a justiça, os direitos do homem, a promoção humana, é um testemunho do Evangelho, caso seja um sinal de atenção às pessoas e esteja ordenado ao desenvolvimento integral do homem.

Nº 43: O cristão e as comunidades cristãs vivem profundamente inseridos na vida dos respectivos povos e são também sinal do Evangelho pela fidelidade à sua pátria, ao seu povo e à sua cultura nacional, sempre, porém, na liberdade que Cristo trouxe. O cristianismo está aberto à fraternidade universal, porque todos os homens são filhos do mesmo Pai e irmãos em Cristo.

A Igreja é chamada a dar o seu testemunho por Cristo, assumindo posições corajosas e proféticas, em face da corrupção do poder político ou econômico; não correndo ela própria atrás da glória e dos bens materiais; usando seus bens para o serviço dos mais pobres e imitando a simplicidade de vida de Cristo.

A Igreja e os missionários devem ainda dar o testemunho da humildade, começando por si próprios, ou seja, desenvolvendo a capacidade de exame de consciência, em nível pessoal e comunitário, a fim de corrigirem, em suas atitudes, aquilo que é antievangélico e que desfigura o rosto de Cristo.”

Perguntas:

1. Na sua comunidade ou no contexto onde vive, você pode identificar indícios desta maneira de fazer evangelização?
2. Esta Evangelização se confronta com que tipo de dificuldades de natureza eclesial, social ou de vida religiosa?



3.

Nos seus escritos, mesmo poéticos, o Pe. Pierre Teilhard de Chardin, SJ, se refere com frequência ao surgimento do “novo humanismo” num mundo secularizado, mesmo não citando diretamente este conceito. A seguir, damos dois textos de sua autoria:

a) De: **“A Missa sobre o Mundo”**, escrito em Ordos, China, no ano de 1923:

“Por uma combinação maravilhosa entre o encanto das criaturas e sua insuficiência, sua doçura e sua malícia, sua decepcionante fraqueza e seu prodigioso poder, – sob a Vossa



atração, – exaltai alternadamente e repeli o meu coração. Ensinai-lhe a verdadeira pureza, aquela que não é uma separação anemiante das coisas, mas um impulso através de todas as belezas. Revelai-lhe a verdadeira caridade, aquela que não é apenas o medo estéril de fazer o mal, mas a vontade vigorosa de arrombarmos, todos juntos, as portas da vida. Dai-lhe finalmente, dai-lhe sobretudo uma visão sempre maior de vossa onipresença, a paixão feliz de descobrir, de fazer e de submeter-se cada vez um pouco mais o mundo, para penetrar sempre mais em Vós.

Toda minha alegria e meu êxito, toda minha razão de ser e meu gosto de viver, meu Deus, estão suspensos desta visão fundamental de vossa conjugação com o universo. Que outros, conforme a sua função mais alta, anunciem os esplendores do vosso Espírito puro! Para mim, dominado como estou por uma vocação que se segura nas últimas fibras de minha natureza, não posso querer nem dizer outra coisa que os prolongamentos ilimitados do vosso Ser encarnado através da matéria. Não poderia jamais pregar outro mistério que o da vossa carne, ó Alma que transparece em tudo que nos cerca! Ao vosso Corpo, em toda sua extensão, ou seja, o mundo que ficou – por vosso poder e minha fé, – o crisol magnífico e vivo onde tudo desaparece para renascer, – por todos estes recursos que fizeram brilhar em mim vossa atração criadora, – por minha ciência fraca demais, – por meus laços religiosos, – por meu sacerdócio, – e por aquilo ao qual dou o máximo valor, a saber, o mais profundo da minha convicção humana, eu, para disso viver e morrer, me consagro à Vós, Jesus.”

b) De: **“O Meio Divino”** escrito em Tientsin, China, 1926/27:

“Esquecemo-nos constantemente disto: o sobrenatural é um fermento, uma alma, não um organismo completo. Ele vem transformar “a natureza”; mas não poderia prescindir da matéria que esta lhe apresenta. Se os Hebreus se mantiveram, três mil anos virados para o Messias, foi porque este lhes aparecia aureolado da glória do seu povo. Se os discípulos de S. Paulo viviam perpetuamente suspirando pelo Grande Dia, era porque esperavam do Filho do Homem a solução pessoal e tangível dos problemas e injustiças da vida. A espera do Céu não pode subsistir senão com a condição de ser encarnada. Que corpo daremos nós à nossa atualmente?

O de uma imensa esperança totalmente humana. Olhemos para a Terra à nossa volta. Que se passa sob os nossos olhos na massa dos povos? Donde vêm esta desordem na Sociedade, esta agitação inquieta, estas ondas que incham, estas correntes que circulam e interferem umas nas outras, estas erupções confusas, formidáveis e inéditas?

A Humanidade atravessa visivelmente uma crise de crescimento. Ela toma obscuramente consciência do que lhe falta e do que pode. Perante ela, como lembramos na primeira destas páginas, o Universo se torna luminoso como o horizonte donde vai despontar o Sol. Ela pressente, pois, e espera.

Sujeito como todos os outros a essa atração, o cristão, dizíamos nós, espanta-se às vezes e inquieta-se. Não tenderia a sua adoração a dirigir-se a um ídolo?

O nosso estudo, agora acabado, do Meio divino permite responder a este medo.

Não, não devemos hesitar, nós discípulos de Cristo, em captar essa força que tem necessidade de nós e que nos é necessária. Nós devemos, pelo contrário, sob pena de a deixarmos perder-se e de nós mesmos deperecermos, participar nas aspirações, de essência autenticamente religiosa, que fazem tão poderosamente sentir aos homens de hoje a imensidade do Mundo, a grandeza do espírito, o valor sagrado de qualquer verdade nova. É nesta escola que a nossa geração cristã reaprenderá a estar à espera.

Do que dissemos temos já bem assentes no nosso espírito as seguintes idéias: o progresso do universo, e especialmente do Universo humano, não é uma concorrência feita a Deus, nem um esbanjar vão das energias que ele nos deu. Quanto mais o Homem for grande, tanto maior a Humanidade será unida, consciente e senhora da sua força, – quanto mais bela for a Criação, tanto mais a adoração será perfeita, tanto mais o Cristo encontrará, para acrescentamentos místicos, um Corpo digno de ressurreição. Não poderia haver dois cumes do Mundo, como não pode haver dois centros de uma circunferência. O Astro que o Mundo espera, sem saber ainda pronunciar o seu nome, sem poder apreciar exatamente a sua verdadeira transcendência, sem poder mesmo distinguir os mais espirituais, os mais divinos dos seus raios, é necessariamente o Cristo mesmo que esperamos. Para desejar a Parusia, não temos senão que deixar pulsar em nós, cristianizando-o, o próprio coração da Terra.

Por que razão, então, homens de pouca fé, temer os progressos do Mundo ou enfadar-se com eles? Que motivo há para multiplicar imprudentemente as profecias e as proibições: “Não vades.. não tenteis... tudo é conhecido: a Terra é vazia e velha: não há nada a encontrar...”?

Tentar tudo por Cristo! Tudo esperar por Cristo! “Nihil intentatum!” Eis aí, exatamente ao contrário, a verdadeira posição cristã. Divinizar não é destruir, mas supercriar. Não saberemos nunca tudo o que a Encarnação espera ainda das forças do Mundo. E não esperaremos nunca assaz da unidade humana crescente.

Levanta a cabeça, Jerusalém! Olha para a multidão imensa daqueles que constroem e daqueles que investigam. Nos laboratórios, nos estúdios, nos desertos, nas fábricas, no enorme cadinho social, vê-los tu, todos esses homens que trabalham penosamente? Pois bem, tudo o que por virtude deles fermenta de arte, de ciência, de pensamento, tudo isso é para ti. – Vamos, abre os braços, o coração, e acolhe, como o teu Senhor Jesus, a onda, a inundação da seiva humana. Recebe-a, essa seiva, – porque, sem o seu batismo, tu estiolar-te-ás em desejo, como uma flor sem água; e salva-a, pois sem o teu sol, ela se dispersará loucamente em hastes estéreis.

Onde está ela agora, a tentação do Mundo grande demais, a sedução do Mundo belo demais? Onde está?



Já não existe.

A Terra pode realmente, desta vez, agarrar-me com os seus braços gigantes. Ela pode encher-me da sua vida ou fazer-me voltar ao seu pó. Ela pode adornar-se diante de mim de todos os encantos, de todos os horrores, de todos os mistérios. Ela pode inebriar-me com o seu perfume de tangibilidade e de unidade. Ela pode lançar-me de joelhos na expectativa do que amadurece no seu seio.

Os seus sortilégios não poderiam já prejudicar-me, desde que ela se tornou para mim, para além dela própria, o Corpo d'Aquele que é e d'Aquele que vem!

O Meio Divino.”

Perguntas:

O Pe. Teilhard de Chardin escreveu estes textos 40 anos antes do Concílio Vaticano II.

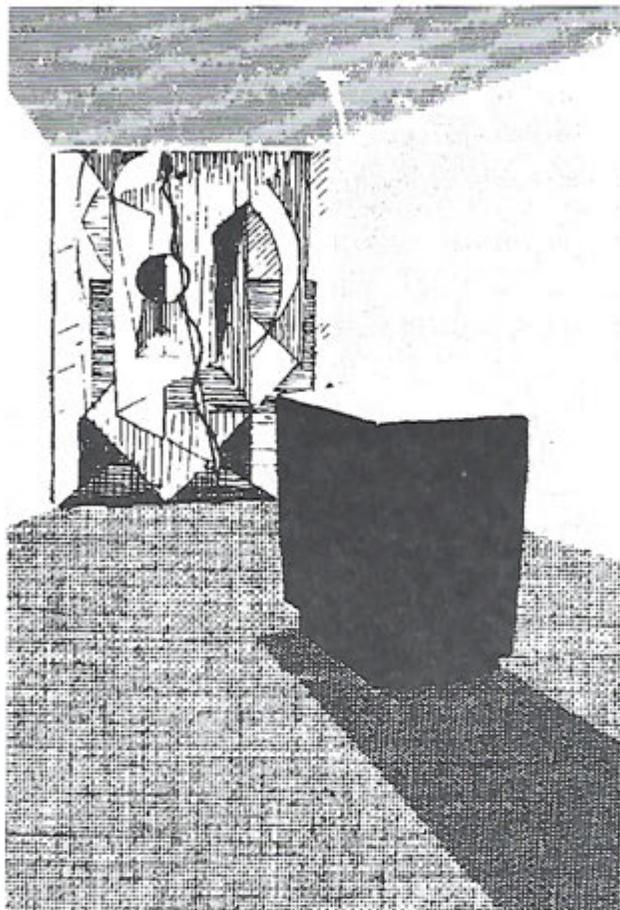
1. Até que ponto esta visão se tornou realidade?
2. Será que a mesma visão ainda hoje seria capaz de dar esperança?



Em 1953, Dag Hammarskjöld, o então secretário geral das Nações Unidas, mandou instalar uma sala de meditação na sede da ONU em Nova Iorque. Na parede desta sala mandou colocar um quadro mural abstrato feito pelo pintor sueco, Bo Beskow, e no centro da sala um bloco polido de minério de ferro da Suécia, pesando seis toneladas.

Segundo as próprias palavras de Dag Hammarskjöld, esta sala "é dedicada à Paz e àqueles que sacrificaram as suas vidas pela Paz. Há de ser um lugar de silêncio, onde deviam falar apenas os pensamentos!" Descreveu ele a função meditativa da sala com as seguintes palavras:

"Nós todos possuímos dentro de nós um centro onde reina a calma absoluta, cercada de silêncio. Este edifício, destinado ao trabalho e às negociações a serviço da Paz, precisava de um recinto dedicado ao silêncio e à tranqüilidade interior. A finalidade desta pequena sala é a de criar um espaço, cujas portas permanecem abertas ao reino ilimitado dos pensamentos e das orações. Aqui, pessoas que seguem os mais diversos credos se encontrarão. Por isso, não se podia escolher nenhum dos símbolos que são familiares à nossa meditação.



Mesmo assim, existem coisas simples que falam a todos a mesma linguagem. Fomos procurar por tais coisas e cremos tê-los encontrado no raio de luz que cai sobre a superfície brilhante do pesado bloco de minério de ferro. Assim, no meio da sala, vemos um símbolo da luz do céu que dá vida à terra na qual vivemos. Para todos será uma imagem da realidade, a saber, da luz do espírito que dá vida à matéria.

Mas o bloco no meio da sala nos dá outra mensagem ainda. Podemos ver nele um altar. O altar é vazio, não porque não haja Deus, nem porque o altar seja dedicado a um Deus desconhecido, mas ao contrário, porque é dedicado ao Deus adorado pela humanidade sob muitos nomes e muitas formas.

O bloco, no meio da sala, lembra-nos ainda de tudo que continua sólido e permanente num mundo em evolução e transformação. O bloco de ferro possui o peso e a solidez da eternidade. Quer lembrar o fundamento de paciência e de fidelidade, sobre os quais deve apoiar-se todo esforço humano.

O material do bloco recorda a nossos pensamentos a necessidade da opção entre destruição e construção, entre guerra e paz. O homem dele forjava as suas espadas de ferro, mas também os seus arados. De ferro constrói os seus blindados, mas também levanta a estrutura dos edifícios onde habita. O bloco de ferro é parte da riqueza que herdamos da nossa terra. Como poderíamos utilizá-lo melhor?

O raio de luz toca o bloco no meio da sala de extrema sobriedade. Não há outros símbolos aqui; nada distrai a atenção ou rompe o silêncio dentro de nós mesmos. Quando os nossos olhos passam deste símbolo à parede, vemos uma tela simples que confere harmonia, liberdade e equilíbrio ao espaço.

Um velho provérbio diz que o sentido de um recipiente não está na sua casca exterior, mas na sua cavidade interior. Acontece a mesma coisa nesta sala. É destinada às pessoas que virão aqui, para enchê-la com aquilo que ocupa o centro de seu silêncio."

Perguntas:

Deixe-se questionar por este texto para refletir:

1. As palavras de Dag Hammarskjöld lhe falam de um humanismo aberto a Deus?
2. Reconheceria na sala, com seu bloco de ferro e sua pintura abstrata, símbolos não-religiosos de uma realidade religiosa?
3. Dá para reconhecer um símbolo comum de tolerância, válido para todas as nações representadas na ONU?



Existem símbolos cristãos cujo sentido se prolonga em forma secularizada:

- O espaço da Igreja é substituído pelo estádio de esportes;
- a procissão pelos comícios;
- as imagens dos santos por bandeiras e faixas;
- os cânticos religiosos por músicas populares;
- o terço pelos lemas gritados em coro;
- os símbolos religiosos tornam-se símbolos políticos, como por exemplo a pomba da paz, a palma, a cruz sob várias formas.

Tarefas:

Procure ainda outras expressões pseudo-religiosas num mundo secularizado.



Em geral, valores são transmitidos através de argumentos. Seu número tende a diminuir, porque já não podem contar com uma aceitação universal. Portanto, valores cristãos num estado secularizado já não podem ser impostos por meio de leis ou intimações.

Pergunta:

Qual é a consequência desta situação para a corresponsabilidade política dos cristãos?



Em português

Merino, José. *Humanismo franciscano*, Petrópolis, Vozes, 1999.

Em alemão e outras línguas

Altermatt, U.

Katholizismus und Moderne. Zur Sozial- und Mentalitätsgeschichte der Schweizer Katholiken im 19. und 20. Jh. (Zurique 1989).

Barauna, G./Schurr, V. (editores)

Die Kirche in der Welt von heute. Untersuchungen und Kommentare zur Pastoralkonstitution "Gaudium et Spes", Salzburgo 1967

Bloch, E.

Atheismus im Christentum. Zur Religion des Exodus und des Reiches (Frankfurt, 1973)

Blumenberg, H.

Säkularisierung und Selbstbehauptung (Frankfurt 1974)

Camps, A.

Säkularisierung in anderen Religionen: A. Rotzetter (edit.), Geist und Welt (Seminar Spiritualität 3) (Zurique 1981), 107-115

Davis, C.

God's Grace in History

Eradi, B.

The Unifying Force of True Religion: Th. Manickam (edit.), Role of Religion in National Integration (Bangalore 1984), 4-8

Fromm, E.

Haben und Sein. Die seelischen Grundlagen einer neuen Gesellschaft (Stuttgart 1978)

Gogarten, F.

• Verhängnis und Hoffnung der Neuzeit (Stuttgart 1953)

• Der Mensch zwischen Gott und Welt (Stuttgart 1956)

Hill, E.

Being Human: a Biblical Perspective (Chapman 1984)

Lübbe, E.

Säkularisierung. Geschichte eines ideenpolitischen Begriffs (Friburgo 1965)

Lück, W.

Das Ende der Nachkriegszeit (Frankfurt 1977)

Luhmann, N.

Funktionen der Religion (Frankfurt 1977)

Matthes, J.

- Bemerkungen zur Säkularisationsthese in der neuen Religionssoziologie: D. Goldschmidt & J. Mathes (edit.), Probleme der Religionssoziologie (Colônia/Oplanden 1962)
- Die Deutung des gesellschaftlichen Prozesses als Säkularisation: W. Schmidt (edit), Gesellschaftliche Herausforderung des Christentums (Munique 1970), 97-105

Mbiti, J.

African Religions and Philosophy (Londres 1969), 48 e 57: A. Rotzetter, Zwischen Afrika und Europa: Franziskus von Assisi. Gemeinsamkeiten, Alternativen, Chancen: Wissenschaft und Weisheit 39 (1976), 42-60

Metz, J.-B.

- Weltverständnis im Glauben (Mogúncia 1966)
- Zur Theologie der Welt (Mogúncia 1968)
- Zeit der Orden? Zur Mystik und Politik der Nachfolge (Friburgo 1977)

Moltmann, J.

Theologie der Hoffnung (Munique 1966)

Punsmann, H.

- Säkularisierung in soziologischer Perspektive, eine problematische Signatur unserer Zeit, em: A. Rotzetter (edit.), Geist und Welt (Zurique 1981), 91-106
- Verantwortung der Orden für die Welt, ibidem, 139-161

Richter, H.E.

Der Gotteskomplex. Die Geburt und die Krise des Glaubens an die Allmacht des Menschen (Reinbek bei Hamburg 1979)

Rotzetter, A.

- Franziskus von Assisi, Realisator und Kúnder des Evangeliums in unserer Zeit: Geist und Leben 51, (1978) 338-347
- Geist wird Leib. Theologische und anthropologische Voraussetzungen des Geistlichen Lebens (Seminar Spiritualität 1), (Zurique 1979)
- Geist und Geistesgaben. Die Erscheinungsformen des geistlichen Lebens in ihrer Einheit und Vielfalt (Seminar Spiritualität 2) (Zurique 1980)
- Geist und Kommunikation. Versuch einer Didatik des Geistlichen Lebens (Seminar Spiritualität 4), (Zurique 1982), 88-90 (fonte do gráfico e do texto da 1ª Aplicação)

Schillebeeckx, E.

Gott – die Zukunft des Menschen (Mogúncia 1970)

Schlageter, J.

- Eine Kirche mit weltoffener Spiritualität in einer säkularisierten Gesellschaft: A. Rotzetter (edit.), Geist und Welt. Politische Aspekte des geistlichen Lebens (Seminar Spiritualität 3) (Zurique 1981), 69-90
- Eschatologische Hoffnung als Hoffnung für die Welt, ibidem, 41-60



Schmälzle, U.

Die Not der Kirche: ihre Erneuerung in Europa: A. Camps/G. Hunold (edit.), Erschaffe mir ein neues Volk (Mettingen 1982), 169-181

Teilhard de Chardin, P. O Meio Divino, p. 180-183

- Capa:** São Francisco. Anônimo, cerca de 1500, no antigo refeitório do convento de Poggio Bustone
- Folha de rosto:** Cristo ressuscitado. Detalhe da obra de Leopold Kimdrebeogo, em Burkina Faso
- P. : 4** De: Kontinente 2/94, foto: WV
- P. : 8** Miniatura de um Evangelho grego do século XIV, Biblioteca Nacional, Paris
- P. : 9** Cristo ressuscitado. Obra de Leopold Kimdrebeogo, em Burkina Faso. De: Kontinente 2/94, Foto: WV
- P. : 11** Gravura em madeira de W. Habdank
- P. : 13** De: zivildienst 3/97; foto: F. Gross
- P. : 15** R. Descartes. De: Alle Welt 9/0/96; foto: Stümmer
- P. : 18** Diálogo espiritual na zona de pedestres. De: KNA-Bild; foto: E. Herb
- P. : 21** Movimento de hospícios. De: KNA-Bild; foto: E. Herb
- P. : 24** De: Adveniat; foto: W. Radtke
- P. : 31** Sala de meditação na sede da ONU em Nova Iorque



Para refletir

Perguntaram-me:

Algumas pessoas recuam diante do contato humano,

querendo sempre permanecer solitários;

pois isto lhes significa sua paz,

por se sentirem como se estivessem na igreja.

Isto, por acaso, será o melhor?

Aí, eu respondi que "Não!"

E sejam atentos ao porquê, e com quem está bem assim.

Pois para aquele que está bem,

ele se sente bem em qualquer lugar e no meio de qualquer gente;

Mas para aquele que não está bem,

este se sente mal em todos os lugares e no meio de toda gente.

Mas aquele que está bem tem Deus realmente consigo;

E aquele que realmente tem Deus consigo

o tem em todos os lugares e no meio de qualquer gente,

igual como se o encontrasse na igreja, no deserto, ou na cela.

Pois aquele que tem Deus de verdade, e somente a Deus, não pode ser molestado por ninguém.

Mestre Eckehart († cerca de 1328)



Este livro foi impresso nas oficinas gráficas da
Editora Vozes Ltda.,
Rua Frei Luís, 100 — Petrópolis, RJ,
com filmes e papel fornecidos pelo editor.

Para adquirir os cadernos das lições, favor entrar em contato com:



FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL

CNPJ 31.166.622/0001-18

Rua Coronel Veiga, 1705 - CEP 25655-152

Caixa Postal 90.174 - CEp 25621-970

PETRÓPOLIS - RJ

PABX (0xx24) 242-5247 e 242-1300

FAX (0xx24) 242-7644

E-mail: ffb@compuland.com.br

Lições já publicadas:

0. Introdução e visão de conjunto

1. Cristianismo, a religião de Encarnação

2. A família franciscana

3. Cooperação interfranciscana hoje

4. Formação inicial e permanente

5. Fundamento bíblico-profético da missão franciscana

6. A origem da missão franciscana no mistério trinitário

7. A missão franciscana nas primeiras fontes

8. Fidelidade e traição: A história da missão

9. A missão franciscana segundo as fontes modernas

10. Unidade de contemplação e missão

11. Decisão por Cristo e amplitude universal

12. Fraternidade universal: Reconciliação com Deus, com o homem e a natureza

13. A missão franciscana e o anúncio da palavra

14. Irmãs e irmãos num mundo secularizado

15. O diálogo com outras religiões: Um caminho franciscano

Próximas lições a serem publicadas

16. Encontro com os muçulmanos

17. Inculturação, tarefa franciscana

18. O sonho franciscano de uma Igreja ameríndia